

GUASÚ E USÚ, NA DIACRONIA DAS LÍNGUAS E DIALETOS TUPI-GUARANIS

FREDERICO G. EDELWEISS

IV

GŪASŪ, USŪ E ASŪ

NO LIVRO DE JOÃO DE LÉRY

(Continuação)

A despeito do longo colóquio, os aumentativos em Léry não ultrapassam em número os contidos nos escritos de Thevet. Em compensação, são todos identificáveis, o que não acontece com os de Thevet, colhidos em áreas muito dispersas (1).

O significado dos aumentativos empregados por Léry é sensivelmente esclarecido pela grafia mais regular do que a de Thevet e pelas definições que os acompanham. Nessa tarefa contou com a permanência algo mais longa na Guanabara (2), ajuda mais eficiente, certamente obtida por sua curiosidade natural pelo dialeto tupinambá. Mas, o mérito principal de Léry consiste menos em ter aprendido um pouco de tupi, do que em ter assimilado o suficiente para consignar com algum discernimento aquilo que lhe iam comunicando os intérpretes, a cuja colaboração, aliás, alude repetidas vezes.

(1) Os que para este trabalho nos interessam são: *Les Singularités de la France Antarctique*; os capítulos referentes ao Brasil na sua *Cosmographie Universelle* e alguns escritos outros publicados no livro de Suzanne Lussagnet — *Le Brésil et les Brésiliens*; Paris, 1953.

(2) Léry chegou à Guanabara no começo de março de 1557 e dali se retirou a 4 de janeiro de 1558. Thevet permaneceu no Rio de Janeiro de 14 de novembro de 1555 a 31 de janeiro de 1556.

Quanto à forma, somam pelo menos dezessete termos em *gûasú* (*ouassou*), nove em *usú* (*oussou*) e um em *asú* (*assou*). O emprêgo de *gûasú* obedece, com apenas uma exceção, à regra anchietana; nos em *usú* há duas discrepâncias, enquanto a única palavra em *asú*, *taiasú* — *porco-do-mato*, tem forma idêntica em todos os autores (3).

Sendo, pois, como dissemos, reconstituíveis todos os aumentativos empregados por Léry, embora em diversos haja letras trocadas, provavelmente pelo próprio Léry ao tomar as suas notas e principalmente ao tirar a limpo, tanto as suas, quanto as de outros, longe dos seus informantes, julgamos proveitoso aos estudantes transcrever tôda a série e comentar-lhe as divergências e interpretações.

Baseamo-nos para tal na edição de Gaffarel, por ser ela mais acessível ao estudiosos. Só o fizemos, porém, depois de comparar a transcrição dos vocábulos tupis com as formas da terceira edição francesa, de 1585, e as da primeira edição latina, de 1586. Na parte tupi as duas se completam. A latina, em geral algo inferior à francesa, ainda que lhe corrija uns poucos termos, serviu de base a Batista Caetano de Almeida Nogueira nas suas "correções" (4) do *Diálogo de Léry*. Essas tais "correções" merecem um lugar de destaque na lista das interpretações mais infelizes já cometidas em lingüística comparada, por falta de conhecimentos do tupi, ao qual votava indisfarçado desprezo. Desgraçadamente, foram essas "correções" que serviram à feitura da tradução brasileira, de 1941 (5).

Advertimos os pouco familiarizados com o tupi, que *gûasú* e *usú* tanto são adjetivos como advérbios; mas apenas num dos exemplos *gûasú* tem função adverbial.

Têrmos em "Gûasú" (6)

<i>Grafia de Léry</i>	<i>O termo tupi em Grafia Fonêmica</i>	<i>Tradução</i>
Acara-ouassou (fr. II. 2, 27)	— akará-gûasú	— acará-guaçu (peixe);
camouroupouy-ouassou (fr. II. 2, 127)	— kamurupy-gûasú	— camaripu-guaçu, pirapema (7);
commanda-ouassou (fr. II. 27, 126)	— kumandá-gûasú	— fava grande (8);

(3) Compare a nota 19, no capítulo dedicado a João Staden.

(4) Nos *Ensaes de Sciencia*; II. pp. 1-132; Rio, 1876.

(5) *Jean de Léry — Viagem à Terra do Brasil*; São Paulo, s.d. (1941).

(6) Léry escreve *ouassou*, ora separado, ora unido, ou ainda ligado por hífen. Unificamos a grafia nesse ponto, usando sempre o hífen. A indicação do volume e das páginas em Gaffarel é precedida de *fr.*, e da edição brasileira por *br.*

(7) Marcgrave escreve *camaripuguacu* (p. 179). Na tradução brasileira falta advertir que a grafia *ouy* de Léry corresponde ao nosso *y*. Na edição de Gaffarel o nome é citado em três grafias (II. 2, 127). Na terceira edição francesa só vem *kamouroupouy*, que corresponde a *kamurupy* em nossa grafia.

(8) Damos o sentido ao pé da letra, por falta de identificação. É numerosa a variedade de favas grandes. (Cap. 13 e 20).

conomi-ouassou (fr. I. 125; II. 31; br. 101, 169)	— kunumĩ-gŭasŭ	— mŏço (9);
co-ouassou (fr. II. 132)	— ko-gŭasŭ	— roça grande;
hu-ouassou (fr. I. 74)	— y-gŭasŭ	— rio grande;
iacou-ouassou (fr. I. 71; II. 127)	— iakŭ-gŭasŭ	— jacu-guaçu (10);
iassi-tata-ouassou (fr. II. 133)	— iasy-tatá-gŭasŭ	— estrêla grande, o planêta Vênus;
maracca-ouassou (fr. II. 129)	— maraká-gŭasŭ	— maracá grande, sino, cam- pa (11);
moca-ouassou (fr. I. 175; br. 138, 252)	— mokab-usŭ	— bombarda, canhão (12);
morgouia-ouassou (fr. II. 20, 126, 129, 143)	— murukŭa-gŭasŭ	— maracujá grande, laranja, limão (13);
oura-ouassou (fr. II. 128, 142)	— gŭyrá-gŭasŭ	— ave grande, ave de rapina;
pagé-ouassou (fr. II. 116, 125)	— palé-gŭasŭ	— pajé grande (14);
pirá-ouassou (fr. II. 2, 142)	— pirá-gŭasŭ	— peixe grande (15);
puissa-ouassou (fr. II. 7, 134)	— pysá-gŭasŭ	— rêde grande, rêde de arras- to (16);
se-ouassou (fr. I. 160/61, II. 127)	— sy-gŭasŭ	— veado (17);

(9) Não atinamos com o motivo que levou os responsáveis pela tradução brasileira a escrever *curumim*, com *r*, quando Léry prefere *n*, tal qual os jesuítas. E, por que *assŭ*, que no caso não é tupi e não é de Léry. (cap. 8 e 14).

(10) Também aqui a tradução brasileira substituiu a forma certa pelas erradas: *açu* (p. 135) e *uçŭ* (p. 254).

(11) Os jesuítas consignaram *itá-maraka* — *maracá de metal*, que é mais descritivo, embora não aluda ao tamanho. (cap. 20)

(12) O aumentativo ocorre no cap. 11 e o termo simples à p. 124, vol. II. *mocap*, *morocap*, isto é, *mokaba*, *mororokaba*. É a única forma entre os aumentativos em *gŭasŭ* mal apanhada por Léry, pois não sendo o vocábulo simples terminado em vogal acentuada, o aumentativo só pode ser formado com *usŭ*. O comentarista da edição brasileira só não corrigiu, em nota, o deslize de Léry, porque certamente ainda desconhecia a regra taxativa do emprêgo de *gŭasŭ* e *usŭ*. (cap. 11 e 20)

(13) Há uma variedade de maracujá, o *murukŭa-gŭasŭ*, cujo nome os tupinambás do Rio aplicaram à laranja e ao limão trazidos pelos portugueses. No Vlb. laranja é *ybá-aia* (fruta ácida) ou *ybá-iuba* (fruta amarela), enquanto o limão também é designado por *ybá-aia*. O termo ocorre às pp. 161, 253, 255 e 268 da tradução brasileira; quatro vezes, e cada vez escrito de maneira diferente!! *morgonia*, *marakujá*, *mogujá* e *morgujá*. E o comentarista, ainda por cima, acha que *morgonia* deve ser *morgoniba* e até lhe dá uma etimologia!! Entretanto, na 3.ª edição francesa vem quatro vezes *morgouia*, ou seja *morgula* (= *murukŭa*) em nossa grafia (pp. 196, 352, 356 e 379). A despeito disso Gaffarel traz *morgonia* (II. pp. 20, 126) e *morgouia* (II. pp. 129 e 143).

(14) Parece que os tupinambás pronunciavam *pajé*. Pelo menos é o que se deduz das grafias de Léry e Evreux. (br. pp. 221 e 252).

(15) Embora só ocorra *pirá-gŭasŭ*, o comentarista achou conveniente mostrar o seu desprezo pelos ensinamentos dos mestres, escrevendo *pirá-usŭ*, à p. 277. (br. pp. 147, 268, 276 e 277).

(16) Por que substituiu o comentarista o certo de João de Léry, *pysá-gŭasŭ*, por *pysá-usŭ*? à p. 260. Veja abaixo a nota 18.

(17) Léry merece uma medalha pelo só registro desta palavra, em tŏrno à qual, há decênios, se vêm tecendo os comentários mais estapafúrdios, a começar pelas etimologias fantasiadas de Martius, e de Batista Caetano no verbete

sobouy-masson (18) (fr. II. 124)	— soby-gúasú	— são verdes (18);
ynambou-ouassou (fr. I. 172, II. 127)	— inambú-gúasú	— inambu-guaçu (19);

Têrmos em "Usú"

arignan-oussou (fr. I. 170)	— arinham-usú	— peru (20);
che remiac-oussou (fr. II. 138)	— xe remiausuba	— meu escravo (20A);

gúasú do seu Vocabulário, onde, aliás, modifica a sua opinião anterior, manifestada no Diálogo de Léry: *sá-úasú* (por *esá-úasú* — olho grande) embora não dê a tradução. (Ensaio de Sciencia, II. p. 29).

O vocabulário jesuítico dá para veado o vocábulo *sygúasú*, que Léry ratifica plenamente na sua grafia. Uma forma dialetal de *sygúasú* é *sugúasú*, porque o *y* tupi se transforma a miúdo em *u*. Encontramo-la um tanto disfarçada em *cuguacu*, no livro de Marcgrave (pp. 234-35). De *sugúasú* para *suasú*, talvez por influência dos mestiços e colonos, o passo é pequeno. Esta forma secundária, *suasú*, parece ter-se desenvolvido desde cedo, pois já se encontra em Cardim e Gabriel Soares de Sousa. Ambos são bons informantes, mas não autoridades por si só em minudências lingüísticas. A transformação pode ter tido origem mesmo entre os tupis, pois nota-se em certos vocábulos muito usados singular tendência à contração.

Assim, *ybyrápara*, de *ybyrá* — pau, vara e de *apara* — curvo, vergado, já no tempo de Anchieta se havia contraído em *urapara*, onde notamos também a apofonia de *y* para *u*. Alternâncias semelhantes verificam-se no guarani, onde, por contração, temos *gúasú* por *sygúasú* (!) e onde os termos para arco — *gúrapá* e *apá* (!) seriam desnordeantes sem a comparação com o primitivo *ybyrápara*, que lhes deu origem e os define.

Entretanto, é fato irremovível que *suasú* se firmou; generalizou-se no brasileiro, no seu descendente, o *nheengatu* e, finalmente, incorporou-se no português do Brasil. Mas, do seu desenvolvimento é fácil deduzir, que a etimologia *soú-asú* — animal grande, caça grande não passa de diletantismo à margem do termo primitivo, reles etimologia popular.

Se, depois dessas considerações passarmos a examinar a tradução brasileira de Léry, na parte referente ao vocábulo a que ora damos revista, teremos uma surpresa inacreditável. Deturparam-no duplamente, alterando *se-ouassou* para *soú-úasú* à p. 125 e para *suasú* à p. 253. Nem ao menos foram consequentes. Além disso, a nota 251 contém flagrante inverdade, *Soasú* nunca existiu no guarani antigo! Por outro lado, é indesculpável afoiteza o trazer testemunhos *nheengatus* em apoio de uma etimologia, quando nem se alude à forma antiga, quase correta, de Léry, corroborada pelo vocabulário jesuíta. E, vá alguém se fiar numas tantas traduções nacionais!

(18) Em Léry o *y* tupi vem às vezes representado por *ouy*, como em *soubouy* e *camaroupouy*; outras vezes por *ui*, como em *puissa*. *Oby* (*soby*, *roby*) tanto significa verde como azul. Pelo colóquio de Léry se vê que os tamolos, para evitar a ambigüidade, designavam azul por *oby-eté* e verde por *oby-gúasú*.

Masson é erro de transcrição por *ouassou*.

(19) *Inambú* vem nos dicionários guaranis traduzido por *perdiz*. No vocabulário tupi dos jesuítas é aplicado às *codornas* e *nhuápupé* às *perdizes*. Ambas as traduções se baseiam apenas em alguma semelhança.

(20) Thevet (*Singularités*, p. 224) registra *arignane* — galinha, que em Léry é designada por *arignan-mirí*. É, pois, natural que os tamolos chamassem o peru de galinha grande — *arinhan-usú*. O Vlb. apellida a galinha de *gúyrá-sapukafa* e o peru, por idêntico raciocínio, *gúyrá-sapukai-usú*. Notemos, porém, que Anchieta, no Auto de São Lourenço, verso 341, grafia *arinhana*. Temos aí com certeza um iberismo (galinha, *gallina* = *arinhana*, *arinhana*) perfilhado pelos tupi-nambás da Guanabara, mas no qual a sílaba final parece ter oscilado entre *na* e *ma*. O Auto de São Lourenço é da penúltima década do Quinhentos. Anchieta pôs no caso em prática para o léxico do Auto o ajustamento ao uso local, que, na sua gramática, aconselha quanto à morfologia. Também aqui a tradução brasileira troca *usú* por *asú*.

(20-A) A tradução brasileira (p. 264) limitou-se, como quase sempre, a repetir a interpretação de Batista Caetano (Diálogo de Léry, p. 74). Mas, que essa reconstituição deixou o intérprete um tanto desalentado, se vê na sua nota

leryoussou (fr. II. 101, 123)	— reri-gŭasŭ	— ostra grande (21);
ourauh-oussou (fr. II. 129)	— gŭyrá-ab-usŭ	— pena grande de ave (22);

78 (p. 129) dos *Ensaio de Sciencia*. Traduzido literalmente, *xe rembiar-usŭ* é o meu capturado grande. Porém, como na tradução de Léry: meu escravo, não há nada que justifique o adjetivo *usŭ* — grande, cabia, antes do mais, examinar os vocábulos que no tupi correspondem a escravo. Batista Caetano teve certamente a lembrança; entretanto, a sua idéia fixa unitária e o seu profundo desprezo pelas formas tupis o devem ter levado a examinar exclusivamente os dicionários guaranis. Nos de Montoya terá, assim, visto e comparado os verbetes *tombiayhu, b.* — escravo e *che rembiayhu* — meu escravo, sem conseguir estabelecer uma conexão com o termo de Léry.

Mas, se então se desse ao incômodo de procurar no manuscrito do VIB. existente na Biblioteca Nacional, o vocábulo tupi correspondente, teria achado *miausuba* — escravo. Empregado com o possessivo *xe*, *miausuba* exige o índice relativo dos participios em *mi*. Desta forma teremos *xe remiausuba*, que corresponde ao exemplo de Montoya *che rembiayhu, b.*

Os tupinambás da Guanabara, segundo o testemunho de Léry, usavam a forma apocopada, de onde *xe remiasŭ*. É isto que Léry ouviu e que apareceria no seu livro, se não se intromettesse um *e* para confundir os nossos tupinistas até hoje. Como vemos, não se trata de forma aumentativa.

(21) A língua tupi não possui o fonema *l*, mas o *r* inicial dêle se aproxima. Ainda hoje o linguajar do povo os confunde.

Léry também trocou *ouassou* por *ousson*, o que, neste caso, não é apenas estranho, mas lastimável, por ter dado motivo à deturpação do termo em outra obra. Nas edições do *Tratado Descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa, a começar pela castigada, de 1851, aparece, no capítulo 140, parte II. o mesmo vocábulo *leriuçu*. Mas, aí Varnhagen castigou o termo, não de acôrdo com os códices examinados, mas pela sua cabeça, alterando o certo de Gabriel Soares por amor ao erro de Léry. Na primeira edição, de 1825, no mesmo capítulo aparecem os nomes de duas ostras: *Kerimasu* e *Kerimirim*, onde, por inadvertência ou pela semelhança das letras e falta de conhecimento do tupi, o *R* inicial foi trocado por *K*. Na edição de 1851, Varnhagen, em vez de simplesmente trocar as iniciais e *masu* no evidente *uasŭ*, ainda converteu *uasŭ* em *usŭ*, escrevendo *leriusŭ*, que havia encontrado em Léry. Cometeu assim dois erros facilmente evitáveis. Quanto ao fonema *l*, Varnhagen não reparou que o seu uso estabelecia flagrante contradição com o capítulo 150 do mesmo *Tratado Descritivo*, onde se declara, que a língua dos tupinambás não possuía nem *f*, nem *l*, nem *r* (forte ou dobrado), ou, se o notou, deve ter-se estribado no próprio Gabriel Soares, que, no mesmo capítulo, ainda fala em outras ostras, chamadas *leripebas*. Vê-se por aí, tanto em Léry como em Gabriel Soares, a defeituosa apreensão do *r* inicial brando dos tupis pelos europeus. Introduziu-se, assim, no livro de Gabriel Soares, uma alteração, que se vem reproduzindo em tôdas as edições, a partir da de 1851. O que Gabriel Soares escreveu foi *Reriŭasŭ* (*reriuçu*) ou seja em nossa grafia *rerigŭasŭ*, de perfeito acôrdo com o vocabulário jesuíta.

Na nota 164 da tradução brasileira cita-se a suposta forma *iryry*, de Batista Caetano, atribuindo-se inconsideradamente a forma *reri*, registrada pelos jesuítas, à pronúncia dos colonos. Por outro lado, Batista Caetano, em seus comentários a Léry, alterou mui corretamente para *gŭasŭ* a forma *usŭ* empregada erradamente por Léry. O infeliz anotador da edição brasileira, entretanto, justamente neste ponto elementar da gramática tupi, entendeu repudiar o seu mestre de toda hora, tornando a restabelecer o errôneo *usŭ* (p. 250).

(22) Léry diz, no capítulo 11, que o genérico para ave é *oura* (= *oyrá*), isto é, *gŭyrá* pelos ensinamentos jesuítas. O vocábulo aparece diversas vezes em compostos de Léry, inclusive neste mal transcrito *ourauh-oussou*, primeira parte de um nome de aldeia, que Léry traduz por *pena grande de ave*. Batista Caetano vê no termo uma alteração de *gŭyrá-gŭasŭ*, a que dá o sentido muito coerente de *ave grande*, mas que está em desacôrdo com o indicado por Léry. A tradução brasileira restaura *ourauh-oussou* por *uyrá-ok-usŭ*, isto é, *casa grande de ave*, mantendo porém, por mais incrível pareça, a tradução de Léry: *pena grande!* (p. 255).

Ora, *pena grande de ave*, na grafia de Léry, é *ouraab-oussou*, que em nossa é *gŭyrá-ab-usŭ*, ou *gŭyrá-rab-usŭ*, de conformidade com os ensinamentos de Anchieta (fl. 9, linha 21 e 22).

Sabendo, que o *h* é aí inadmissível e, comparando *ourauh* com *ouraab*, colhe-se a impressão nítida, que Batista Caetano só não deu pela troca de *ab* por

pindo-oussou (fr. II. 143)	— pindob-usú	— pindoba grande; Mas, há uma variedade de pindoba, ainda hoje chama- da de <i>pindobucu</i> (23);
soouar-oussou (fr. II. 129)	— sogûer-usú	— fôlha grande caída (24);
tacouar-oussou (fr. II. 128/29)	— takûar-usú	— taquaruçu (25);
tapiir-oussou (fr. I. 157/8, 161; II. 33, 125/6)	— tapiir-usú	— tapir, anta (26);
tau-oussou (fr. II. 134)	— tab-usú	— aldeia grande (27);
yguer-oussou (fr. II. 134)	— ygar-usú	— canoa grande, navio (28).

Têrmo em "Asú"

taiassou (fr. I. 160/61; II. 127)	— taiasú	— tiaiçu, porco do mato (29).
--------------------------------------	----------	-------------------------------

uh, pelo pouco caso que fazia do tupi, falha que o impediu de assimilar os ensinamentos de Anchieta, sem os quais é arriscada qualquer análise de textos tupis.

(23) Veja o que dissemos a respeito desta palavra na nota 48, do capítulo dedicado aos aumentativos tupis contidos em Thevet.

Batista Caetano retifica acertadamente *pindo* por *pindob* nesta combinação (veja à p. 97 dos *Ensaio*s), porque, mesmo no guarani antigo, *palmeira grande* é *pindob-usú*, segundo a lição de Montoya.

Infelizmente, o comentarista da edição brasileira prefere mais uma vez a forma errada *pindó-usú* (p. 268).

(24) João Staden (Parte I. cap. 51) já menciona uma aldeia, cujo morubixaba tinha esse nome, grafado ali *Sowarasu*. Note-se a divergência *asú* por *usú*. É estranhável que, nem com a tradução de Léry, Batista Caetano conseguisse reconstituir o legítimo vocábulo tupi, a que nos referimos exaustivamente na nota 17 do capítulo dedicado aos compostos com *úasú/asú* do livro de Staden.

Na tradução brasileira de Léry, a transcrição do vocábulo tupi se atém à reconstituição de Batista Caetano, com exceção do *h* inicial, que foi substituído por *s* (sob por *hob*) à p. 275.

Mas, incoerente como é, o comentarista desfaz a troca em sua nota 73, p. 273, e, o que é pior, admite *asú*, em lugar de *usú* empregado por Léry e mui acertadamente mantido por Batista Caetano. Ainda não satisfeito com esses contrasensos, transforma até a tradução latina de Léry, na mesma nota, quando a sua tarefa era tão só a restauração do texto tupi e zelar pela sua tradução.

(25) Léry tem *sacouarr-oussou* (II. p. 128) e *tau-couar-oussou* (II. p. 129). No primeiro houve troca do *t* inicial por *s*, inadmissível no caso. No segundo vem *tau* por *ta*.

(26) O nome *tapiira* foi aplicado ao gado *vacum*, como já transparece em Léry (II. p. 125).

(27) Gaffarel tem *tan*, por *táu* que vem na terceira edição francesa, mas ambas trazem *ouscou* em lugar de *oussou*. O termo tomou naturalmente o sentido de cidade. A tradução brasileira, em vez de retificar o texto para *táu-usú*, ou seja *tab-usú*, de acôrdo com o *Vlb.* impinge *tava-usú*, com flagrante desrespeito à eufonia tupi (p. 260).

(28) *Ygarusú* generalizou-se entre os tupis do leste para *navio*, enquanto os guaranis denominaram os veleiros de *ygaratá* e os maiores *ygaratar-usú*. Compare o que dissemos a esse respeito na última parte do capítulo *O sufixo agente «ara»*, «*sara*» nas línguas tupi-guaranis, em nosso livro *Estudos tupis e tupi-guaranis*.

(29) Veja a nota 29 do capítulo dedicado neste estudo a João Staden.

V

O EMPRÊGO DAS FORMAS "GŪASŪ, USŪ E ASŪ" NOS TRATADOS DE FERNÃO CARDIM

Quando, em 1583, Fernão Cardim encetou as suas andanças pelas capitânicas do Brasil, como secretário de Cristóvão de Gouveia, daria ao mesmo tempo os primeiros passos algo trôpegos na aprendizagem da língua brasílica.

Nos tērmos indígenas, que recolheu diretamente da bōca dos portugueses e mestiços, parte já não era tupi de lei; aqui e ali consignaria palavras locais genuínas, mas discordantes do *Vlb.* dos jesuítas, pois êste visando à uniformização da língua escrita (1), registrava de preferência, e, por assim dizer, oficializava das legítimas formas indígenas tão só as mais correntes dentre os principais dialetos tupis costeiros. Aparecem, assim, nos escritos iniciais de Cardim (2) formas como *amayacu* (3), *çuaçu* (4), *guainumu* (5), *taepijguiri* (6) etc. que no *apógrafo posterior de Évora* vêm melhoradas para: *guamayacu* (7), *sugoçu* (8), *ganhumig* (9) e *tapiy-mirin* (10), mas onde, mesmo assim, ainda se notam pequenas divergências com o *Vlb.*

Outros vocábulos, como *canduaçu* (11) e *guaracigoba* (12) ficaram sem correção. Há também as incoerências gráficas, como *sugoçu* ao lado de *suacu-apara* (13) e até alterações para pior, como a de *beijupirá* (14) para *bigjuipirá*, que são dois peixes completamente diferentes, como já deixamos bem claro em outro estudo (15).

(1) Tendência que se nota na época em vários países da Europa, posta em voga por diversos tradutores da Bíblia.

(2) Quanto às duas partes: *Do Clima e Terra do Brasil e Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil*, os apógrafos que, se não correspondiam exatamente aos originais, deviam aproximar-se-lhes mais, foram certamente aqueles que serviram à tradução publicada por Samuel Purchas, na série *Haklutas Posthumus*, vol. IV, pp. 1289-1320, Londres, 1625, reproduzida, com algumas emendas, no vol. 16, pp. 417-503, da edição de Glasgow, em 1906.

(3) Purchas; vol. 16, p. 488.

(4) *Ibidem*; p. 450. Como de costume, o e não vem cedilhado.

(5) *Ibidem*; p. 491.

(6) *Ibidem*; p. 447.

(7) *Tratados* etc. p. 87. — Em vista de Rodolfo Garcia afirmar que nada alterou nos tērmos tupis, flamo-nos da sua grafia na edição de 1925.

(8) *Ibidem*; p. 36.

(9) *Ibidem*; p. 92.

(10) *Ibid.* p. 204. Mais claramente *tappy-miri*, em nossa grafia fonêmica.

(11) Purchas; p. 453. — *Tratados*; p. 40 — Veja a nota 32.

(12) Purchas; p. 462. — *Tratados*; p. 52. — Em lugar de *quaracigoba* (= *kuarasyaoba*) — roupa do sol. — Oba, em lugar de aoba, já é um exemplo das alterações introduzidas pela língua-geral dos mestiços e colonos.

(13) Onde veado tem duas formas tupis: *suacu* e *suguaçu*, das quais nenhuma confere com o *Vlb.* que traz *ciguaçu* (= *syguasú*).

(14) Purchas; p. 484. — *Tratados*; p. 81. A descrição corresponde ao *beijupirá*, aliás, *mbeu-pirá* em tupi, enquanto *bigjuipirá*, aliás *myiui-pirá*, segundo o *Vlb.* é o peixe voador, que Cardim refere à p. 86, entretanto, sem citar-lhe o nome tupi.

(15) Veja o verbete 25, *pirabilú*, em nosso estudo *Os Topônimos Indígenas do Rio de Janeiro Quinhentista*. In: *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro*; vol. 275, pp. 80-134.

Dando de barato uma série de erros de transcrição, ainda mesmo na cópia revista de Évora (16), podemos desde logo deduzir das observações precedentes que, na penúltima década do Quinhentos, o *Vlb.* talvez diferisse em alguns pontos dos exemplares hoje existentes, mas que, sem dúvida alguma, os conhecimentos de Cardim, no domínio do tupi, deviam compreensivelmente ser limitados, por ocasião das suas viagens em companhia do pe. Gouveia e, ainda bem falhos quando, anos após, reviu os termos tupis citados nos seus primeiros relatos brasileiros.

Entretanto, nos dezoito aumentativos em *gúasú*, *usú*, e *asú*, apenas dois em *asú* merecem reparos: *canduaçu* e *suaçuapara*, como veremos na sua enumeração a seguir. Como Cardim certamente não os inventou, deviam ser formas locais, talvez do falar mestiço, segundo as tendências já bem pronunciadas em Gabriel Soares de Sousa.

Nas notas de Rodolfo Garcia muita restrição teríamos que fazer, principalmente às suas etimologias, se nestas linhas coubesse uma crítica geral. É que o seu *tupi* é quase todo haurido do vocabulário *guarani*, de Batista Caetano de Almeida Nogueira. Impagável mesmo, como já dissemos alhures, é a sua tradução da frase tupi ocorrente à p. 339 dos *Tratados* de Cardim (17). É lastimável, que nunca se desse ao trabalho de recorrer ao vocabulário tupi dos jesuítas, do qual existe um apógrafo incompleto na Biblioteca Nacional.

Aumentativos em "gúasú", "usú" e "asú" nos Tratados de Cardim

I. Termos em «gúasú»

<i>Grafia nos apógrafos de Évora:</i>	<i>Grafia fonêmica segundo o Vlb:</i>	<i>Tradução:</i>
abará-guaçu (p. 303)	— abará-gúasú	— padre superior, prelado (18);
goembégoaçu (p. 75)	— gûembé-gúasú	— uma planta (19);

(16) Notemos: *pirambá* (p. 82) por *pirambú* (= *pirá-ambú*); *purá* (p. 88) por *puráquê*; *Guigratêotêo* (p. 97) por *guigratêotêo*; *pagnapopeba* (p. 102) por *isguapopeba*; *tucanuço* (p. 200) por *tucanuçu*; *guaranaguaçu* (p. 201) por *guianaguaçu* etc.

Excetuando alguns casos, a grafia dos nomes indígenas é mais correta nos apógrafos de Évora. Há também alterações, tanto cortes como acréscimos, entre o texto de Purchas e os de Évora. Capistrano indica algumas delas.

(17) Nota LXXVI, p. 405.

(18) De acordo com o que ficou dito na nota 20, do capítulo II, separamos neste estudo o adjetivo tupi por um hífen em nossa grafia, respeitando, porém, a usada no *Tratado da Terra e Gente do Brasil*.

Abaré-gúasú é sinônimo de *pai-gúasú*. A respeito de *abará* e de seu significado remeto-me à explicação um tanto nebulosa de Montoya, na *Conquista Espiritual*, § 14, p. 177 do vol. 6 dos *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro.

(19) Cardim registrou inicialmente *embeguacu*, forma que vemos em *Purchas*, vol. 16, p. 479 (*embeguacu*). *Gûembé-gúasú*, que aparece no apógrafo de Évora, comprova a alteração feita por Cardim depois da primeira redação.

Rodolfo Garcia repete a etimologia e definição de Batista Caetano. Entretanto, Meira Pena, no seu *Dicionário de Plantas Mediciniais*, 3.ª ed. p. 158, refere-se à mesma planta, na grafia truncada de *embeguaca*, como não classificada, embora lhe cite as características e aplicações. Em alguns léxicos encontra-se o mesmo termo grafado, ainda erradamente, *embeguacá*.

guaranaguaçu (p. 201)	— gúaianã-gúasú	— uma tribo (20);
guatapigguacu (p. 93)	— gúatapy-gúasú	— um búzio grande (21);
iequigtigoaçú (p. 66)	— kyty-gúasú	— saboeiro (22);
maracaguaçu (p. 202)	— maraká-gúasú	— uma tribo (23);
nhandugoaçu (p. 56)	— nhandú	— ema (24);
paraguaçu (p. 102)	— pará-gúasú	— Paraguaçu (25);
payguaçu (p. 314)	— paí-gúasú	— padre superior, prelado (26);
sugoaçu (p. 36)	— sy-gúasú	— veado (27).

II. Termos em «usú»

camuçuyara (p. 201)	— kam-usú-lara	— uma tribo (28);
jaguaruçu (p. 43)	— iagúá-rayr-usú	— cachorro do mato (29);
jararacuçu (p. 47)	— iaperak-usú	— jararacuçu;

(20) Em Purchas, I. ed. vem *Guainaguacu*, que a reimpressão de 1906, vol. 16, p. 446, alterou para *Gualanaguacu*. *Guarana* por *guaiana* deve ser erro de cópia.

(21) Gabriel Soares já traz, além da forma positiva *oatapu*, a aumentativa de *tapuçu*, muito contratada pelos mestiços, mostrando a rapidez com que o léxico tupi se alterava na língua-geral.

Inacreditável, pelo desconhecimento dos princípios de gramática mais rudimentares que implica, é a etimologia de T. Sampaio, transcrita por Pirajá da Silva, nos comentários à sua edição do livro de Gabriel Soares (cap. 142).

(22) Marcgrave, p. 113, traz *quity* (=kyty) — pau de sabão. Parece que Cardim confundiu *kyty* — saboeiro com a forma verbal *iektytyka* — esfregar-se. Em Purchas, vol. 16, p. 473, vem *iequitim*, onde aparece a voz reflexiva do verbo *kyty* — cortar, fazendo presumir outra confusão anterior de Cardim. *Kyty-gúasú* seria uma espécie grande de saboeiro. Nos Tratados há na palavra ainda a troca de *tig* por *ty*. *Ig* é a grafia anchietana para representar o *i* gutural tupi, valor que no correr do Seiscentos foi atribuído pelos jesuítas ao *y*.

(23) *Maracá Grande* deve ter sido inicialmente nome de um maioral. *Maracás* conserva-se na Bahia como denominação de um município.

(24) Como Marcgrave, que utilizou as notas de um português conhecedor da língua brasileira do Nordeste, também designa a *ema* por *nhanduguacu*, o termo deve ali ter sido corrente; e, não apenas para *ema*, mas ainda para *aranha caranguejeira*. O Vlb. procurou eliminar possíveis confusões, reservando a palavra *nhandú* para designar a *ema* e o diminutivo *nhanduí* para as *aranhas em geral*, formas usuais na Bahia, segundo Gabriel Soares (cap. 78 e 118); mas, para as *aranhas caranguejeiras* já traz *nhanduacu*, uma alteração da língua-geral por *nhandú-gúasú* em tupi.

(25) Embora a semântica de *pará* já se nos apresente bem confusa através da onomástica geográfica, parece que a tendência mais comum era dar a *pará* o sentido de rio extenso e a *pará-gúasú* o de rio extenso caudaloso. Note-se a divergência entre o tupi e o guarani.

(26) Veja a nota 18.

(27) O texto inglês (vol. 16, p. 450) tem *cuacu* ao lado de *cuacuapara* (= *cuacu* e *cuacuapara*), enquanto o apógrafo de Évora, com *suguaçu* e *suacuapara*, diverge no genérico de um para outro (*suguaçu* e *suacu*). Em ambas as designações já temos formas secundárias, ou influência da língua-geral (dos mestiços), que se não quer confundida com o tupi, a língua brasileira original, cultivada e transmitida pelos jesuítas.

A forma tupi *sygúasú* mostra que a etimologia espalhada por Batista Caetano e T. Sampaio é pura fantasia, nada tendo que ver com *soé* — animal, quadrúpede. Veja, no capítulo dedicado a Thevet, a nota 56.

(28) A palavra é composta de *Kama* — peito, seio, *usú* — grande e *lara* — o que tem, dono, senhor, ou seja, no plural, os peitudos, designação que confere com a fantasiosa descrição, que nos transmitiu Cardim.

(29) Cardim aplica o mesmo nome a dois animais diversos. A p. 43 não foi muito exato no registro da palavra. O *cachorro do mato*, pelo seu tamanho não poderia ter sido designado por *iagúar-usú* — onça grande. Literalmente o seu nome foi *filho de onça e filho grande de onça*, segundo ressalta dos termos tupis consignados no Vlb. dos jesuítas: *iagúá-rayra* e *iagúá-rayr-usú*.

A p. 102, *iagúar-usú* designa o cão d'água do Vlb. Quanto à descrição: «... maior que nenhum bol, tem dentes de grande palmo», Cardim foi vítima

tetigucú (p. 73)	— ietyk-usú	— batata de purga (30);
tucanuço (p. 200)	— tukan-usú	— uma tribo (31);

III. Têrmos em «asú»

canduaçú (p. 40)	— kûandú-gûasú	— ouriço-cacheiro (32);
suaçuapara (p. 36)	— sy-gûaçú-apara	— veado galheiro (33);
tayaçú (p. 37)	— taíasú	— queixada (34).

VI

AS FORMAS "GÛASÛ", "USÛ" E "ASÛ" NA ONOMASTICA DE GABRIEL SOARES DE SOUSA

Para compreendermos a rapidez com que o *tupi* se foi abastardando na *lingua-geral*, basta comparar as formas assumidas pelos têrmos brasílicos da *Notícia*, de Gabriel Soares de Sousa com as correspondentes legítimas do *Vlb.* dos jesuítas, ou mesmo com as dos *Tratados* do cronista contemporâneo menos ortodoxo, o pe. Fernão Cardim.

Os lingüistas jesuítas iniciaram-se laboriosamente, com certo preparo e método, nas tabas indígenas segregadas, enquanto Gabriel Soares recolheu os nomes em ambiente de crescente mestiçagem, de elementos intermediários, no domínio da *lingua-geral*, um tupi em franca dissolução. Este dialeto, fruto da fusão de duas raças, do contato de duas culturas, não deve ser confundido, como geralmente acontece, com o tupi, o legítimo linguajar dos índios, coordenado pelos jesuítas e por êles razoavelmente registrado com as indispensáveis ampliações semânticas, perfilhadas, a seu modo, pelos próprios indígenas, premidos pela necessidade de enunciar conceitos novos, inerentes à cultura forasteira.

Alentada série de estropiamentos praticados nos vocábulos tupis do livro de Gabriel Soares já ressaltamos no estudo *Os tupinismos do "Tratado Descritivo"*, de Gabriel Soares de Sousa, nossa perfunctória contribuição ao *Quarto Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Bahia,

da sua credulidade. Aliás, Gabriel Soares fornece versão aproximada, no cap. 96 da II. parte. Pelo que informa o *Vocabulário Português-Brasílico*, no Norte davam ao mesmo animal o nome de sab-usú — pêlo grande. No comentário de Rodolfo Garcia note-se mais uma vez o desconhecimento das regras do emprego de gûasú/usú no tupi.

(30) Rodolfo Garcia retificou a inicial T por I, mas não atinou com a composição da palavra tupi, cujo sentido literal é batata grande. Temos aí usú e não pukú.

(31) Purchas, vol. 16, p. 445, corrigiu a grafia da I. edição para tucanucu (= tukan-usú), que deve corresponder provavelmente ao nome de certo tubixaba e se traduz por tucano grande, ou seja, a espécie maior.

(32) Cardim escreveu candu, enquanto Marcgrave tem cuandu. Mais recentes são as formas guandu e gandu, que ocorrem na onomástica geográfica. Note-se que no *Vlb.* dos jesuítas só figura o têrmo tupi kuii para ouriço-cacheiro. Em oposição a êstes autores, Gabriel Soares (Parte II. cap. 108) vê animais distintos em kûandu e kuii. O mesmo ainda parece ter sido verificado por Tastevin no nheengatu.

(33) Compare as notas 13 e 27.

(34) Veja a nota 29 do capítulo II, relativo a João Ştaden.

1959. Muitos outros poderíamos aqui registrar, se coubessem nesta apreciação restrita de um adjetivo isolado. Entretanto, ainda assim, quanta alteração se operou em seu emprêgo no curto espaço de quatro décadas incompletas!

A forma *gŭasŭ* praticamente cedeu o seu legítimo lugar ao espúrio *asŭ*, enquanto *usŭ*, salvo raras exceções, conseguiu manter a sua prerrogativa. Essa verificação é muito interessante, por comprovar, na quase desconhecida *língua-geral do Leste*, a manutenção da forma *usŭ* ao lado da mudança de *gŭasŭ* em *asŭ*, enquanto na *língua-geral do Norte*, no *brasiliiano*, *usŭ* alterado em *osŭ* assume preponderância quase absoluta até o fim do século dezoito. Daí por diante, no curso do desenvolvimento da *língua-geral moderna* do Amazonas, do *nheengatu*, *osŭ* foi nela tão radicalmente substituído por *asŭ*, como *gŭasŭ* o fôra na *língua-geral do Leste*, desde o Quinhentos.

O escrúpulo daqueles que acham duvidosas algumas das retificações de Varnhagen, não tem aqui razão de ser. Quaisquer alterações que venham a ser impostas por uma possível edição crítica, pouco modificarão a parte adjetival dos aumentativos tupis do nosso estudo.

Varnhagen não era versado em tupi ao elaborar as suas *Reflexões Críticas*. A gramática de Anchieta e a de Figueira ser-lhe-iam, pois, de reduzida utilidade diante do contraditório *Dicionário Português e Brasileiro*. Valeu-se principalmente de velhos tratados e, à última hora, dos estudos comparativos de três apógrafos da obra de Gabriel Soares, que pôde consultar. Doze anos após o aparecimento das *Reflexões Críticas*, de 1839, publicou uma nova edição da *Notícia do Brasil*, mudando-lhe o título para *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* e, à sua morte, deixou novas emendas e adições, que foram aproveitadas na reimpressão de 1879. Nela o *u* final em *açu*, *guaçu* e *uçu* tem acento agudo, que suprimimos, de acôrdo com a ortografia atual.

Palavras em "Asŭ"

Parte II.	Grafia na edição de 1879	Forma tupi, grafia fonêmica	Tradução portuguesa
cap. 83	— ageruaçu	— aŭurŭ-gŭasŭ	— um papagaio (1);
cap. 89	— atiaçu	— tŭ-gŭasŭ	— alma-de-gato (2);
cap. 78	— cabureaçu	— kaburŭ-gŭasŭ	— uma coruja (3);
cap. 27	— igaraçu	— Ygar-usŭ	— Igaracu (4);

(1) É, segundo Pirajá, o chamado *Amazona Farinosa*, o nosso moleiro. Note-se a grande alteração do vocábulo tupi na boca dos colonos e mestiços, em poucas décadas. A edição de 1825 tem *ageruetecu*.

(2) A tradução literal é *bico-grande*. *Tŭ-gŭasŭ* tem sido confundido com *ating-usŭ*, que no tupi designa as galvotas. A ed. de 1825 traz *atibaçu*.

(3) Só figuram no *Vlb.* os compostos *kaburŭ-yba* e *kaburŭ-yb-ysyka* — a árvore *caburefba* e o seu bálsamo. Na ed. de 1825 vem *cabueazu*.

(4) Generalizou-se na onomástica geográfica a forma *Igaracu* em lugar de *Igaruçu*. O significado canoa grande foi aplicado pelos tupis ao navio. Em guarani navio é *ygaratá*. O apógrafo reproduzido pela ed. de 1825 tem *igoaraçu*.

cap. 81 — jacuaçu	— iakú-gúasú	— um jacu (5);
cap. 72 — jucuriaçu	— ?	— uma árvore (6);
cap. 84 — matuim-açu	— matuí-gúasú	— uma ave (7);
cap. 118 — nhanduaçu	— nhandú-gúasú	— aranha caranguejeira (8);
cap. 93 — nhatium-açu	— nhatiū-gúasú	— mosquito pernilongo (9);
cap. 142 — oapuaçu	— gúatapy-gúasú	— um búzio (10);
cap. 97 — suaçu	— sygúasú	— veado (11);
cap. 69 — suaçucanga	— ?	— pau-marfim (12);
cap. 97 — suaçupara	— sygúasú-apara	— veado-galheiro (13);
cap. 100 — tajaçu	— tafasú	— um porco-do-mato (14);
cap. 100 — tajaçueté	— tafasú-eté	— queixada (15);
cap. 100 — tajaçutirica	— tafasú-tirika	— um porco-do-mato; o queixada ruivo (16);
cap. 102 — tatu-açu	— tatú-gúasú	— tatu-açu (17);
cap. 114 — tijaçu	— telú-gúasú	— teiu-açu;
cap. 124 — tungaçu	— tung-usú	— pulga.

Palavras em "Usú" e "Osú"

Parte II.

cap. 136 — aimoreoçu — amoré-gúasú — amoré-guaçu (18);

(5) A descrição de Gabriel Soares não coincide com a de Lhering (*Dicionário dos Animais*). Pirajá também o não identificou. Jacoaçu é o que se lê na ed. de 1825.

(6) Não figura no Vlb. O editor de 1825 leu jucuriasu.

(7) Não figura no Vlb. A ed. de 1825 tem matuimasee.

(8) No Vlb. só ocorre o genérico nhanduí para aranha. Mas em Marcgrave encontra-se nhanduguacu, designando tanto a ema quanto a aranha caranguejeira. Namduaçu é a grafia na ed. de 1825.

(9) O Vlb. só registra a forma nhatiū para os pernalongos, que Gabriel Soares divide em duas espécies de tamanhos diferentes. O i da sua grafia inhatium é protético. Jatium parece hoje a pronúncia mais corrente entre o povo. A ed. de 1825 traz nhabruasu.

(10) O capítulo dos búzios menciona algumas formas estranhamente alteradas e contratas. O Vlb. só registra gúatapy. A etimologia de T. Sampaio, i atã, por satã etc., perfilhada por Pirajá, mostra singular desconhecimento do tupi. Na ed. de 1825 aparece o estranho aleijão jatetaosu. Compare o mesmo verbete em Cardim.

(11) A mesma forma é usada por Thevet. Veja, no capítulo dedicado a este, a nota 56 e a de 27 no de Cardim.

(12) A tradução literal do termo é osso de veado; mas, lembramos que pode, neste composto, haver certo contato recente entre suaçu e soó-gúasú através da forma intermediária, de Cardim: su-guaçu. O marfim bruto, matéria prima nova para os índios, foi designado, de acordo com a procedência, pelo neologismo soó-gúasú-rãigüera — o que foi dente de animal grande. Se de fato foi essa a origem, o nome indígena da árvore seria recente. A forma tupi correta do termo de Gabriel Soares passaria a ser, num caso, sy-gúasú-kanga e, no outro, soó-gúasú-kanga.

(13) Note-se a queda do a inicial no adjetivo apara. Na ed. de 1825 aparece juagupara.

(14) Veja a nota 29, no capítulo de João Staden e compare as notas de Pirajá na sua edição de Gabriel Soares.

(15) É a espécie maior do porco-do-mato; em tradução literal, o porco-do-mato por excelência. A de 1825 traz tajasuetu.

(16) A ed. de 1825 tem tajasutiraqua. Tirika é crepitante, estalante.

(17) No Vlb. não ocorre o verbete. Em tupi o correspondente seria tatú-gúasú. Em português tatu-açu é sinônimo de tatu-canastra. Na ed. de 1825 vem jatuasú.

(18) As moréias-do-mangue, têm nomes muito variados, como se pode ver no *Vocabulário de Ictiologia*, de Alberto Vasconcelos, verbete amoré. O Vlb. só tem

cap. 71 — copaubuçu	— kopayb-usú	— gameleira branca (19);
cap. 91 — capueruçu	— kopúer-usú	— uma abelha grande;
cap. 84 — carabuçu	— ?	— uma garceta (20);
cap. 59 — caraobuçu	— ?	— carobuçu (21);
cap. 68 — enviroçu	— ybyr-usú	— imbiruçu (22);

Parte I.

cap. 14 — igaruçu	— ygar-usú	— navio (23);
-------------------	------------	---------------

Parte II.

cap. 96 — jaguaracangoçu	— iagûar-akang- -usú	— canguçu (24);
cap. 96 — jaguaruçu	— iagûar-usú	— uma onça (25);
cap. 61 — jeticuçu	— ietyk-usú	— batata-de-purga;
cap. 55 — pindobuçu	— pindob-usú	— pindobuçu (26);
cap. 44 — taiobuçu	— talaob-usú	— taioba (brava);
cap. 94 — tapiçu	— tapiir-eté	— tapir, anta (27);
cap. 142 — tapuçu	— gûatapy	— um búzio grande (28);
cap. 133 — timuçu	— timukú	— peixe-agulha (29).

o verbete *amoré*, correspondente a *aimoré*, de Gabriel Soares. Marcgrave descreve o *amoré-gúasú* à p. 166. Note-se a substituição de *gúasú*, única forma admissível no tupi após vogal acentuada, por *osú*, que vemos predominar no brasileiro. Na edição de 1825 temos *amiroxos*.

(19) A ed. de 1825 traz *cobambuca*.

(20) Não vem mencionada, nem no *Vlb.*, nem por Marcgrave. A ed. de 1825 tem *carabau*.

(21) Segundo a descrição de Pirajá, o nome tupi seria *kaá-rob-usú* — grande planta amargosa.

(22) Nenhuma das etimologias transcritas por Pirajá é admissível; devem ser substituídas por: *ybyra* — estopa, fibra, fibroso, e, *yba* — haste, tronco, o que dá *pau-de-estopa*, *pau fibroso*.

(23) *Ygar-usú* é a forma correta, que na onomástica geográfica cedeu o lugar à bastarda *Ygar-asú*, de onde *Igarçu*. O sentido literal é *canoa-grande*, *navio*. Veja a nota 4.

(24) É uma onça pintada. O tamanho indicado por Gabriel Soares não confere com o da onça, que hoje em dia se chama *canguçu*. A tradução literal é *onça cabeça grande*, *onça cabeçuda*.

(25) Pirajá pensa tratar-se da onça preta, com atributos fantásticos. Fernão Cardim, também de outiva, refere-se ao mesmo animal, à p. 102, mas à p. 43, descrevendo o *cachorro-do-mato*, dá-lhe o mesmo nome de *iagûar-usú*. No *Vlb.* não encontramos o termo.

(26) Não designa apenas as folhas novas fechadas, mas também certa variedade de *pindoba*. Veja o que expendemos a respeito na nota 48, do capítulo dedicado aos aumentativos em *Thevet*.

(27) A forma primitiva deve ter sido *tapiira*, sem qualificativo (*Anchieta*). Quando os tupis transferiram o nome ao gado *vacum*, a *anta* passou a ser designada por *tapiir-eté* — *tapir legítimo* (Cardim, Marcgrave) e o *boi* ou a *vaca* por *tapiir-usú* (*Vlb.*). A forma *tapiira* usada por Pirajá não é correta. Na ed. de 1825 vem *taparuçu*.

(28) O aumentativo é *gûatapy-gúasú*. As denominações de Gabriel Soares para búzios já são muito estropiadas e as etimologias perfilhadas por Pirajá de todo inaceitáveis. Na ed. de 1825 *papesi*.

(29) Pirajá deixou-se enganar pela grafia da edição de 1879, aceitando a forma *timucu*, que não existe. Varnhagen, em suas *Reflexões Críticas*, cita o termo correto: *timucu*, de *tí* — nariz, *focinho*, *bico*, e *puku* (que faz *muku* depois de *fonemas nasais*) — longo, ou seja *focinho longo*, nome aplicado não apenas ao *peixe-agulha*, mas ainda ao *gorgulho*, que tem a mesma característica. *Pukú* (*mukú*) — longo, comprido, alto, não se confunde com *gúasú*, *usú*, que é grande e ao mesmo tempo grosso. Na ed. de 1825 lê-se *timoem*. Em resumo, *timukú* não cabe entre os aumentativos em *usú*.

Palavra em "Gûasú"

cap. 25 e seg. — paraguaçu — pará-gûasú — Paraguaçu (30).

Palavras em "Uasú"

cap. 145 — potiuacu — potí-gûasú — pitu, um camarão grande (31);
 cap. 85 — uraoacu — gûyrá-gûasú — caracará preto (32).

(continua)



(30) Paraguaçu designava no tupi não apenas o maior rio que deságua na Bahia de Todos os Santos, mas o próprio lagamar tomado por seu estuário. O que admira é que até baianos possam defender a etimologia de *mar grande*, como se um rio, ou mesmo a majestosa Bahia pudesse figurar de *mar grande* em face da imensidade do Atlântico, ainda mesmo que, em tupi, *pará* significasse *mar*. Em nossa onomástica geográfica antiga, *pará* se aplica aos rios extensos, de onde se deduz, que paraguaçu corresponde a rio extenso caudaloso.

(31) Na edição de 1825: *portinacu*.

(32) Gûyrá-gûasú, em sentido literal *ave grande*, é o genérico das aves de rapina. Em tupi *caracará preto* deve ter tido um nome específico. Na edição de 1825 vem *uraoacu*.